

SEGURANÇA NA ESCOLA/ENSINO SUPERIOR

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Die
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Em Lisboa

Encontradas granadas na Faculdade de Direito

A Brigada de Minas e Armadilhas da Polícia de Segurança Pública recolheu ontem de manhã na Faculdade de Direito de Lisboa nove granadas — confirmou o comissário Veríssimo Martins.

O comissário negou que tivessem sido encontrados explosivos ou outro material bélico e acrescentou que as granadas abandonadas não «oferciam qualquer risco».

De acordo com um elemento da Associação de Estudantes da Faculdade, as granadas foram encontradas por uma empregada no interior do estabelecimento de ensino, versão diferente da do comissário Martins, que referiu que as granadas foram encontradas «nas imediações da Faculdade».

As primeiras informações indicavam que tinham também sido encontrados quatro quilos de explosivos e uma bomba de relógio preparada para explodir às 10 horas.

FLA reivindica «atentado» na Universidade

NOVE GRANADAS NUM SACO COM VERSÕES CONTRADITÓRIAS

Nove granadas — cinco ofensivas e quatro defensivas — foram, ontem de manhã, encontradas junto de uma das colunas exteriores do edifício da Faculdade de Direito de Lisboa. Segundo alguns, os engenheiros não ofereciam qualquer risco mas segundo outros, estavam, antes, armadilhados com uma bomba-relógio. O mais curioso de toda a história é a reivindicação pela Frente da Libertação dos Açores, entretanto feita, da autoria do «atentado».

Minutos antes das 16 horas de ontem, Redação da Rádio Comercial. Ao telefone, uma voz jovem, de um indivíduo do sexo masculino, afirma ser da FLA e que tem um comunicado para ler. O que disse foi simples e rápido. Seguido do «clic» imediato.

«A Frente de Libertação dos Açores colocou, esta manhã, diversos engenheiros na Faculdade de Direito de Lisboa».

Consumava-se mais uma cena de uma história caricata. As outras dizem respeito ao

facto de a polícia assegurar ter encontrado as granadas absolutamente abandonadas e sem risco de delataram, enquanto na faculdade corriam boatos de que com elas estava uma bomba-relógio, com hora marcada para a explosão.

A curiosidade da empregada do bar

Quem viveu, e por dentro, esta aventura foi a D. Fernanda, empregada no bar da faculdade. Para lá se dirigia

ontem, cerca das oito horas, quando viu um saco plástico de tons azulados. Estava abandonado junto a um dos pilares do átrio exterior do edifício, em plena cidade universitária da capital. O nome de uma casa comercial fé-la pensar que alguém dele ali se esquecera. Imagine-se, pois, qual o seu espanto quando ao mexer-lhe com curiosidade, deparou com o seu conteúdo: um conjunto de granadas.

Em sobressalto, de imediato telefonou para a Polícia de Segurança Pública. Referiu que encontrou «uns objectos estranhos, umas granadas e coisas assim». «Aqui, na faculdade».

Uma equipa da brigada de minas e armadilhas, do comando da PSP de Lisboa, deslocou-se rapidamente ao local. Segundo disse a «O Comércio do Porto» uma fonte policial, foram recolhidas nove granadas, cinco das quais ofensivas e as restantes defensivas.

«Não estavam nada armadi-

lhadas, isso é falso», sublinhou, quando lhe damos conta das versões que circulam na Universidade.

A «explosão» seria às 10 horas

O mesmo nos não diz, justamente, um segundo funcionário da faculdade. Que nos pede o anonimato: «Não quero meter-me nessas coisas». Segundo ele, e o que se diz em toda a escola, é que havia também, «uns fios e uns três ou quatro cartuchos dentro do saco». «Dizem que era para explodir às 10 horas».

A sua explicação vai mais longe. «Os fios estavam espalhados pelas colunas e pela mata» (existente ao lado do edifício).

Quanto às granadas propriamente ditas, «estavam normais, com a espoleta no lugar». Comenta, ainda, que «aquilo era para fazer barulho».

Esta versão dos acontecimentos foi, igualmente, vei-

cutada pela Associação de Estudantes da FDUL. Com uma inovação. As granadas foram encontradas pela polícia não no exterior da faculdade, mas no seu interior.

«Boatos» é o que são, no entendimento do nosso interlocutor da brigada de minas e armadilhas. Embora se desconheçam os reais motivos que terão levado a deixar as granadas na cidade universitária, bem como a sua proveniência, regista que este é mais um caso a somar aos dos recentes aparecimentos das espingardas «G-3» e outro material bélico desaparecido dos paiséis do Exército português durante o período revolucionário.

A ser assim, as «boas mãos» que as detinham cada vez andam mais espirituosas. Primeiro, abandonaram-nas a «pescar» no rio Tejo. Depois, deixá-las-iam a «caçar» na serra de Sintra. Desta feita, terão preferido pô-las a estudar... direito.

segurança na escola